

RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE

Gabriele de Sousa Lopes^I

Mariléia Mendes Goulart^{II}

Resumo: Esta pesquisa tem como tema a afetividade no processo de ensino aprendizagem entre professores e crianças. Como problema, de que maneira a afetividade influencia no processo de aprendizagem das crianças nos anos iniciais? Em vista disso, foi definido como objetivo geral: compreender os significados da afetividade nas relações estabelecidas entre as crianças e professores do 4º ano dos anos iniciais. Foram elencados especificamente os seguintes objetivos: identificar a concepção de afetividade para os professores dos anos iniciais; reconhecer as memórias afetivas das crianças no espaço e tempo escolar; listar estratégias que mobilizem relações afetivas entre crianças e professores; elencar atitudes que as crianças mais gostam e quais elas menos gostam. A pesquisa constitui-se em estudo de caso, com abordagem da pesquisa, com análise qualitativa. Para que as respostas fossem obtidas, utilizamos como instrumento de coleta de dados inicialmente uma contação de história do livro “O Carteiro Chegou”, seguida de conversa mediada pela questão: “Memórias marcantes da minha trajetória escolar”, seguida por uma produção escrita sobre as memórias afetivas da escola e, uma entrevista gravada e transcrita. Foram entrevistadas 22 crianças de uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental I de uma escola Estadual. Os resultados alcançados através desta, nos evidenciaram que tanto para os professores quanto para as crianças, a afetividade influencia positivamente no seu desenvolvimento cognitivo, social e psíquico.

Palavras-chave: Afetividade. Professor-criança. Cuidado.

Abstract: This research has as its theme the affectivity in the teaching-learning process between teachers and children. As a problem, how does affectivity influence the learning process of children in the early years? In view of this, the general objective was defined: to understand the meanings of affectivity in the relationships established between children and teachers of the 4th year of the initial years. The following objectives were specifically listed: to identify the concept of affectivity for teachers in the early years; recognize children's affective memories in school space and time; list strategies that mobilize affective relationships between children and teachers; list attitudes that children like the most and which they like least. The research is a case study, with a research approach, with qualitative analysis. In order for the answers to be obtained, we used as a data collection instrument initially a storytelling of the book "The Postman Arrived", followed by a conversation mediated by the question: "Remarkable memories of my school trajectory", followed by a written production about the affective memories of the school and a recorded and transcribed interview. Twenty-two children from a 4th grade class of Elementary School I of a State school were interviewed. The results achieved through this, showed us that for both teachers and

^I Acadêmica(o) do Curso de Licenciatura em Educação Pedagogia, da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). E-mail: g.sousalopes@hotmail.com

^{II} Professor(a) do curso de Licenciatura em Educação em Pedagogia, da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). E-mail: marileia.goulart@animaeducacao.com.br

children, affectivity positively influences their cognitive, social and psychic development.

Keywords: Affectivity. Teacher-child. Care.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o dicionário *Michaelis* (2015), afetividade é um conjunto de fenômenos psíquicos que se revelam na forma de emoções e de sentimentos, ou seja, faz parte do ser humano ter experiências e demonstrar as sensações obtidas, de forma consciente ou inconsciente, através de emoções e sentimentos. Portanto, na construção da relação com o outro, esses fenômenos revelados em emoções e sentimentos, nos levam a desenvolver afeição pelo mesmo.

A afetividade está presente logo no início de nossas vidas, cada afeição envolvida pelo amor que a criança recebe em casa. Entretanto, tudo muda quando esta entra em contato com o mundo escolar, as relações que serão construídas com os colegas, professores, aí então entra a importância da afetividade nesse lugar que faz grande parte no desenvolvimento social e cognitivo de cada uma dessas crianças.

Decidi pesquisar acerca do tema, pois lembro até hoje do dia em que minha professora de matemática dos anos iniciais se recusou a me tirar uma dúvida em sala de aula, eu não via dedicação da mesma com aqueles que tinham mais dificuldade, além de tratar os alunos de maneira indiferente. Me senti muito frustrada pois eu tinha muita dificuldade com cálculos, e não conseguia perguntar nada para ela em virtude do medo e vergonha que eu sentia. Por outro lado, tive algumas professoras durante minha trajetória escolar que me tratavam com muito carinho, impondo sempre limites, mas fazendo com que me sentisse confortável e segura para tirar minhas dúvidas.

Foi definido como objetivo geral: compreender os significados da afetividade nas relações estabelecidas entre as crianças e professores do 4º ano dos anos iniciais. Como objetivo específico tivemos: identificar a concepção de afetividade para os professores dos anos iniciais; reconhecer as memórias afetivas das crianças no espaço e tempo escolar; elencar atitudes que as crianças mais gostam e quais elas menos gostam; listar estratégias que mobilizem relações afetivas entre crianças e professores.

A pesquisa constituiu-se num estudo de caso, com método de abordagem dialético, tendo a intenção de descrever e refletir acerca da realidade pesquisada. A amostra do estudo se deu com 22 crianças e uma professora de turmas do 4º ano do Ensino Fundamental I. A coleta teve o seguinte percurso: em sala de aula organizei uma roda para contar a história: “O Carteiro chegou”, de Janet e Allan Ahlberg, seguida de uma conversa, trouxe a tona o assunto afetividade, e o relacionamento com os professores. Depois a partir do tema: “Memórias marcantes da minha trajetória escolar”, propus uma produção escrita sobre o assunto. As produções foram feitas em casa e entregues no dia seguinte.

As discussões da pesquisa foram sustentadas por autores como Paulo Freire (1921) e Henri Wallon (1879) e o texto a seguir apresenta conceitos sobre afetividade e relação professor e aluno, seguido da análise dos dados e considerações finais.

2 RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO MEDIADA PELA AFETIVIDADE

É a partir do afeto construído que se é demonstrado os sentimentos, a forma de expressar carinho por alguém. Ou seja, desde nosso nascimento, somos envolvidos pela afetividade, e o afeto desempenha um papel fundamental em nosso desenvolvimento e estabelecimento de boas relações sociais. Além de estar presente em todas as fases de nossa vida, ele favorece na aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo, a troca de sentimentos, emoções e experiências com o outro. Portanto, a afetividade passou a ser muito importante nas relações interpessoais, com a evolução da cultura humana. Sobre as relações interpessoais:

A aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre medida pelo outro. Não há como aprender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar no mundo a nossa vida. Veja bem, Vygotsky defende a idéia de que não há um desenvolvimento pronto e previsão dentro de nós que vai se atualizando conforme o tempo passa ou recebemos influência externa (BOCK, 1999, p 124).

Sendo assim, a ideia de chegar em sala de aula e apenas reproduzir o que está no plano de aula é muito abstrato. Quando o professor demonstra interesse sobre seus alunos e cria relações afetivas com esses, conseqüentemente o conhecimento será adquirido de uma forma mais ampla e significativa. Tendo em vista que, através do ponto de vista psicanalítico, ou seja, o modo de compreender a mente humana e interpretar o funcionamento da sociedade, a afetividade é um aspecto necessário e indispensável durante o desenvolvimento dos educandos. Por isso, quando um educador tem amor diante do conhecimento que transmite, transforma esse em um momento prazeroso e faz com que aquele que recebe a transmissão, sinta desejo de aprender. Logo, o professor deve investir no potencial que o próprio aluno possui, para que então, o aluno se sinta respeitado e possa investir em si mesmo.

Sabe-se da importância de um ser humano se relacionar com outro, desde pequeno, para que ele se desenvolva em diversos aspectos, por isso, se baseando em uma perspectiva vygotskiana, Oliveira (1999, p.11), diz que o indivíduo internaliza conhecimento, quando interage com os indivíduos e objetos existentes no seu ambiente sócio-histórico. A partir do momento que a criança é envolvida pelo afeto em sala de aula, seja por elogios ou demonstração de interesse do professor com relação a sua vida, ela começa a perceber seu próprio eu, ou seja, afeta sua autoestima positivamente, ocasionando em um crescimento e desenvolvimento com segurança e sentimento de determinação.

Temos como as principais funções cognitivas: a percepção, atenção, memória, linguagem e funções executivas, sendo essa última responsável por planejamento e execução de tarefas, portanto são as funções citadas anteriormente dependentes para que ocorra a aprendizagem. Para Arantes (2002, p. 162), “o papel da afetividade para Piaget é funcional na inteligência. Ela é fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento”, pois a afetividade é indispensável para o funcionamento da cognição. Ou seja, elas são diferentes, mas estão interligadas uma na outra, e não funcionam se não estiverem sendo trabalhadas em conjunto.

2.1 AFETIVIDADE EM WALLON

O pioneiro que estabelece relações com o conceito aprendizagem e afetividade, foi o filósofo Henri Wallon, que com estudos e pesquisas, em sua teoria colocou a afetividade como um dos pontos fundamentais para o desenvolvimento de uma criança. Foi o mesmo que levou as emoções para sala de aula, tendo suas ideias fundamentadas em quatro elementos, cujos são afetividade, movimento, inteligência e formação do eu como pessoa. Sobre o desenvolvimento, de acordo com Wallon:

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON, 2007, p. 198)

De acordo com Wallon, o progresso do ser humano só se torna possível com a conexão de três dimensões psíquicas: motora, afetiva e cognitiva, sendo que todas dependem do indivíduo, o ambiente que está inserido, e do meio social em que ele vive. Além disso, segundo Henri a afetividade é expressa por meio da emoção, que é considerada a primeira expressão, pois ocorre de maneira imediata e involuntária, é tida como a mais expressiva; pelo sentimento, que tem um caráter mais cognitivo, sendo possível falarmos sobre como estamos nos sentindo; e pela paixão, que é caracterizada pelo autocontrole.

O desenvolvimento para Wallon é dividido em cinco estágios, sendo eles: o Impulsivo-Emocional, que decorre no primeiro ano de vida da criança; o Sensorio-Motor e Projetivo que ocorre do primeiro ano da criança aos 3 anos; o Personalismo que é dos 3 aos 6 anos da criança; categorial, que ocorre dos 6 aos 11 anos; e o último estágio que dura dos 11 anos em diante e se chama Puberdade e Adolescência; é notado que tanto professor quanto aluno são afetados nesse processo.

O autor afirma que cada pessoa se desenvolve através de fases, e estas vão se revezando entre afetivo e cognitivo. Sendo assim, esse desenvolvimento ocorre de maneira progressiva, e está conectado na influência de atividades e do que será desfrutado no momento de interação, momento esse que leva à internalização do que está sendo ensinado e que se torna significativo para a criança.

2.2 RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO NA PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE

Paulo Freire foi um notável educador mundialmente conhecido, acreditava que a educação era fundamental para a transformação da sociedade, e na importância de valorizar as experiências individuais de cada educando no processo de aprendizagem de seu método. O educador pensava na integração de todos na sociedade, ensinando de acordo com as necessidades reais do dia a dia de cada pessoa, ele queria transformar seus alunos em indivíduos críticos e reflexivos. Por isso o foco dele era na alfabetização de adultos, despertando curiosidades e promovendo a troca de conhecimento entre professor e aluno.

Em seu livro "Pedagogia da Autonomia", Freire traz a afetividade como um dos pontos significativos para a aprendizagem. Tendo em vista que, para que haja motivação dos alunos com relação a aprendizagem, sabendo que seu método de alfabetização tem como base o diálogo entre educador e educando, é necessário que a comunicação entre os dois seja coerente. De acordo com Freire (1996, p.141), "a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade" porém não pode interferir na ética do professor, ou seja, tanto a falta de afeto quanto afeto em abundância podem afetar o ensino aprendizagem.

Entre outros fatores, todos os tópicos do livro se baseiam em que ensinar exige algo, e a partir disso, vemos o afeto novamente envolvido no assunto. Pois quando sentimos carinho por alguém, espontaneamente a pessoa conquista nosso respeito, e isso é fundamental durante a aprendizagem. Segundo Freire, sobre a relação professor-aluno:

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os 'argumentos de autoridade' já não valem. (FREIRE, 2004, p.68).

Essa relação, que tem como intenção ser baseada no diálogo e respeito da ideia mútua, no crescimento a partir da compreensão, que surge a partir da conversa e reflexão daquilo que é dito. Por isso a importância do professor conhecer a realidade de seus educandos, ter o olhar atento e respeitar suas realidades. Levando em consideração que o professor não é apenas instrumento transferidor de conhecimento, mas sim de adquirir em conjunto, do mesmo modo que ensinar não é apenas transferir conhecimento.

Atualmente, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013, p. 89) "O cuidado, compreendido na sua dimensão necessariamente humana de lidar com questões de intimidade e afetividade, é característica não apenas da Educação Infantil, mas de todos os níveis de ensino".

3 O ENCONTRO COM AS CRIANÇAS

Inicialmente conversei com a diretora da EEF Martinho Ghizzo de Tubarão, para apresentar o projeto de pesquisa e solicitar autorização para ela. Feito isso, ela promoveu meu encontro com uma turma de 22 crianças e uma professora, do 4º ano do Ensino Fundamental.

No dia programado, entro na turma, me apresento e, proponho uma contação de história, "O Carteiro Chegou", de Janet e Allan Ahlberg, que foi realizada a partir de um data show. Escolhi essa história pelo fato de ela relacionar os afetos entre o carteiro e os remetentes. Contada a história, organizamos uma roda de conversa acerca da história e do tema: afetividade e a escola. As crianças foram muito sucintas com suas interpretações, mas conseguimos juntos inserir o tema.

Questionei então para a professora qual o seu entendimento por afetividade, ela me respondeu ser uma "demonstração de um sentimento de querer bem, ter carinho e cuidado com os outros", o que logo as crianças me disseram acontecer em sala de aula com ela, mas nem sempre foi assim.

Uma atividade de produção escrita foi enviada para realizarem em casa com a seguinte questão: Memórias marcantes de minha trajetória escolar. Solicitei que escrevessem sobre uma experiência positiva ou negativa que tiveram no percurso da escolarização.

No meu retorno a escola me surpreendi com as respostas obtidas, pedi que as crianças lessem seus relatos, para que depois me entregassem as folhas.

Nas respostas eu apresento os estudantes por números, para não identificar seus nomes e categorizo-as em memórias: **ruins, metodologias, carinho e pandemia**. A gente percebe que poucas crianças apresentam memórias negativas o que anuncia o entendimento dos professores acerca da importância do afeto. No entanto, nosso intuito foi trazer a fala das crianças para esse lugar.

3.1 MEMÓRIAS: COISAS RUINS

Aluno 1: Eu tive uma professora ano passado que **gritava muito** quando a gente dizia que não tinha entendido, ela era **muito brava**.

Aluno 18: A minha memória marcante foi quando eu tinha uma professora que **brigava muito comigo** e eu não gostava dela.

Aluno 22: Eu não gosto quando eles **ficam berrando**. Eu gosto que tirem minhas dúvidas e fico muito feliz.

Nas falas das três crianças estão retratadas a impaciência, quando elas mencionam **'gritava muito', 'muito brava', 'brigava muito comigo' e 'ficam berrando'**.

Ficamos a refletir que talvez, nessa ação esteja a insegurança do professor que não consegue lidar com as situações adversas em sala de aula de modo equilibrado. Lembramos que nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica/2010, educação e cuidado estão intrinsecamente relacionadas e devem ser pensados, planejados e indissociáveis.

A Educação Básica é direito universal e alicerce indispensável para a capacidade de exercer em plenitude o direito à cidadania. É o tempo, o espaço e o contexto em que o sujeito aprende a constituir e reconstituir a sua identidade, em meio a transformações corporais, afetivo emocionais, socioemocionais, cognitivas e socioculturais, respeitando e valorizando as diferenças. Liberdade e pluralidade tornam-se, portanto, exigências do projeto educacional. (Brasil, p. 19, 2013)

Partimos no princípio de que o respeito na fala, o carinho no olhar e a firmeza nas ações são princípios da pessoa, é essência humana. Ao se tratar de relação professor e criança, quando desconsideramos esse aspecto, apresentamos uma concepção hierárquica e que desconsidera a potência da infância. Cuidar representa acolhimento e respeito pelas diferenças e singularidades.

Nesse aspecto, cuidar também significa pensar estratégias que considerem as crianças sujeitos ativos, que as desafiem a ser protagonista no processo e que apresentem a ludicidade nas proposições, uma vez que essa também é uma premissa humana.

3.2 MEMÓRIAS: METODOLOGIAS

Nas falas das crianças apareceu com bastante ênfase as estratégias metodológicas de sala de aula. Destacamos, que 04 crianças apresentaram lembranças de gincanas e quiz.

Aluno 2: A professora de português ano passado era muito legal, fazia **gincana e era muito divertido**.

Aluno 8: A minha memória marcante foi o último dia de aula que a tia foi muito legal com a gente, acho muito legal quando ela **passa gincana**.

Aluno 11: Uma vez a professora trouxe um **quiz** pra turma responder, achei muito legal que todo mundo participou e riu bastante.

Aluno 15: Achava muito legal quando a tia passava **gincana**.

E outros ainda mencionaram, histórias e brincadeiras, atividades fora da sala em outros ambientes, como pátio externo e biblioteca, além de atividades em equipe.

Aluno 5: Tem uma professora que conta muitas **histórias divertidas** pra gente, ela é muito engraçada.

Aluno 7: Quando eu tava no 3º ano minha professora era muito legal, ela **fazia brincadeiras**, ela sempre me ajudava com as dúvidas e ela sempre me ensinava tudo certo, minha professora do 1º ano era muito **divertida e sempre fazia brincadeiras**.

Aluno 17: Eu gosto quando a professora leva a gente pra rua e faz **brincadeiras**, não gosto quando a professora briga comigo sem motivo.

Aluno 19: Eu lembro que uma vez a tia fez trabalho em grupo e eu achei muito legal porque conversei com os meus amigos.

Aluno 21: Eu achava legal quando a professora levava a gente na biblioteca, eu sempre achava um monte de livro legal.

Em suas memórias aparecem as metodologias diversificadas e desafiadoras. De acordo com a BNCC:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais (BNCC, 2017, p.38).

Entende-se que o brincar deve fazer parte do desenvolvimento da criança, mesmo que ela não esteja mais na educação infantil, pois a dinamicidade atrai a atenção das crianças. Bem como visitas à biblioteca onde elas possam ver e explorar os diversos livros, de modo que encontrassem algo interessante.

3.3 MEMÓRIAS: CARINHO

O carinho, a paciência, são mencionados de forma bem objetiva. Todo ser humano gosta de ser olhado e acolhido. Isso ficou bem expresso em algumas falas:

Aluno 3: Quando eu era pequena, eu tinha uma professora que era muito carinhosa, eu gostava dela.

Aluno 4: Eu gosto da professora desse ano, ela é bem paciente e gosta da gente.

Aluno 6: Eu gosto e admiro professores que são dedicados e que tenham paciência para ensinar. Eu não gosto de professores que não tenham paciência, aquele professor que grita sem necessidade.

Aluno 10: Eu acordo, escovo meu dente, tomo café da manhã, [...] vou buscar um menino e depois vou para o colégio estudar, é bom.

De acordo com o relato dessas crianças, percebemos a importância do carinho e da paciência durante o ensino-aprendizagem, são memórias positivas que as crianças têm de seus professores, que nem sempre acontece. Segundo o pedagogo Paulo Freire: Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não

o respeita. Não há educação do medo. Nada se pode temer da educação quando se ama. (FREIRE, *Educação e Mudança*, 1979, p. 15).

3.4 MEMÓRIAS: PANDEMIA

O tempo de pandemia foi algo nunca vivido em nossos tempos, e por isso, também apareceu nas respostas. Das três crianças que a apresentaram, apenas uma menciona que gostou de realizar as atividades pelo computador com a família, as duas outras relatam que não conseguiram aprender sem a presença dos colegas e professora.

Aluno 9: Eu não gostei quando eu tinha aula no computador, porque eu não entendi nada.

Aluno 12: Quando teve o corona vírus foi muito ruim porque eu não aprendi nada e eu não conseguia entender nada que a tia dizia e errava tudo as respostas.

Aluno 14: Eu gostava quando a aula era no computador porque eu podia ficar em casa com os meus pais e eu gostava que a minha mãe me ajudava.

Partindo do relato das crianças, e de como a pandemia afetou todos de várias formas, o Ensino a Distância (EaD) foi uma das práticas abordadas pelas escolas, para que as crianças pudessem continuar o aprendizado em casa. Notoriamente para algumas crianças que se sentiam distantes da família se tornou algo positivo, porém nem todas obtiveram dessa vantagem, além de que passar algumas horas no computador, para uma criança, acaba se tornando cansativo. Sobre o ensino a distância, Mattos e Brunham (2005, p.2) dizem, em seu artigo Ead: Espaço de (in)Formação/Aprendizagem de professor-produtor, que:

[...] a Educação a Distância traz características próprias que impõem a necessidade de novas aprendizagens por parte de quem planeja, desenvolve e avalia, implicando, inclusive, na necessidade de que seja construída uma nova maneira de compreender o processo de ensino e aprendizagem.

Diante do que foi dito, e das experiências citadas pelas crianças, o professor precisa se reinventar a cada aula, trazendo também o fato de que é indispensável que ele esteja em constante aprendizagem em conjunto com as crianças. Ou seja, investir na formação continuada tendo o ensino a distância como foco, além do ensino presencial também, é essencial para compreender esse novo método de ensino aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada teve o intuito de saber se o afeto está presente durante o ensino aprendizagem, por meio de ações tomadas pelos professores que marcaram no decorrer da trajetória escolar das crianças. Através de uma discussão com as crianças partindo da leitura de um livro, e respostas escritas obtidas sobre as memórias marcantes da trajetória escolar de cada educando, chegamos aos resultados esperados.

De acordo com os resultados obtidos, percebemos que o afeto é importante para as crianças e ele se manifesta muitas vezes nas metodologias apresentadas em

sala de aula, porque ali o professor possibilita a ampliação da criatividade e o envolvimento ativo das crianças.

Nas respostas das crianças elas mencionam que gostam de ser bem tratadas e não gostam de gritos e xingamentos. Isso as desestimula.

Além disso, pude entender como a afetividade influencia em cada parte do desenvolvimento do ser humano, e a importância de ser utilizada em sala de aula. É na escola que passamos uma grande parte de nossas vidas, onde construímos nossa identidade e aprendemos a viver em sociedade.

Através de minha pesquisa sobre o assunto, percebi que não é um tema aprofundado por muitos pensadores, apesar de ser indispensável na aprendizagem. Entretanto, é uma questão que precisa ser tratada além do ambiente escolar, mas em casa também, pois não sendo trabalhado em conjunto, acarretará num mal desempenho da criança.

Por fim, vejo uma grande importância em trazer a formação continuada como foco para que o professor esteja em incessante aperfeiçoamento, oferecendo melhor qualidade de ensino para os estudantes e fazendo com que compreendam melhor o desenvolvimento e aprendizagem de maneira cada vez mais profunda.

REFERÊNCIAS

A AFETIVIDADE SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA E PIAGETIANA. **Afetividade na ótica psicanalítica**, [s. l.], 18 dez. 2008. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/sociais/article/view/2731>. Acesso em: 29/09/2021.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga (Orgs.). **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ARANTES, V. A. *Afetividade no cenário da educação*. Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002.

BARBOSA, Eliane dos Santos. Afetividade no processo de aprendizagem. *Revista Educação Pública*, v. 20, nº 41, 27 de outubro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/41/afetividade-no-processo-de-aprendizagem>. Acesso em: 28/05/2022.

BOCK, A. M. B. (org). **Psicologia: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 13ªed. 1999

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena. In: Brasil. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. p. 89

CONTRIBUIÇÕES de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Afetividade na Educação**, [S. l.], p. 21-38, 12 jan. 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/9jbsbrcX4GygcRr3BDF98GL/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 29/09/2021

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25ª ed. Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1996.

HENRI Wallon: a afetividade no processo de aprendizagem. [S. l.]: Elaine Cristina Narcizo, 26 jul. 2021. Disponível em: <https://profseducacao.com.br/artigos/henri-wallon-a-afetividade-no-processo-de-aprendizagem/>. Acesso em: 4 maio 2022.

MICHAELIS. Afetividade. In: Dicionário online Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/afetividade/>. Acesso em: 07 junho 2022.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky - Aprendizado de desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1999

PEDAGOGIA da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 144.

TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. *Piaget, Vygotsky, Wallon*. **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.